Os Cinco Modos Comunicativos

L. S. C. de Sampaio

Rio - Dezembro de 1981

Os Cinco Modos Comunicativos.

Tantos são as objetividades tantos os modos de comunicação entre subjetividades. Quantos forem as sub-espécies objetivas quantos também os sub-modos comunicativos. Assim teremos:

Objetividades	Comunicação
Simbólicas	comunicação simbólica
Concretas	"comunicação" concreta ou interação física
Lógicas	"comunicação" lógica

As principais sub-espécies simbólicas e seus modos correlatos de comunicação são os seguintes:

Sub-espécie Objetiva	Modo Comunicativo
Simbólico Absoluto (L tal que Meta L=L)	Comunicação criadora
Simbólico Conotativo	Comunicação conotativa ou propriamente semântica
Simbólico Denotativo	Comunicação formal ou sintática

Generalizando, podemos denominar todas as objetividades de simbólicas, caracterizando o lógico como o simbólico onde significado extensivo ou referente, significado intensivo e significante coincidem, e que portanto, só pode existir como ente operatório; o concreto como o simbólico onde apenas o significado extensivo e o significante coincidem; o simbólico propriamente dito será aquele em que as três entidades podem diferir entre si. Deste modo, designaremos o lógico como simbólico nível 0, o concreto como simbólico nível 1, e as três sub-espécies simbólicas, denotativa, conotativa e absoluta, respectivamente, por simbólicas níveis 2, 3 e 4.

Consideramos inicialmente a variedade lógica ou simbólica nível 0. Só podendo existir, como assinalamos, em forma operatória, torna-se comunicação necessária, impertubável por qualquer que seja o modo. É comunicação absolutamente sem atenuação, sem ruído, sem distorção. Merece especial atenção a comunicação de $\{E,C\}^{0}$ ou consciência. Esta, tradicionalmente, só é tratada em âmbito religioso. No cristianismo está representada pela Revelação do Pai por seu próprio modo, vale dizer, constitue-se na enfaticamente a firmada semelhança do Homem a Deus. Temos de distingui-la da Revelação mediada pelo Cristo, que é de natureza simbólica, portanto suscetível de ser obstaculizada pela própria presença a ações do Cristo, enfim, é a revelação de Deus como Espírito Santo. Voltando à semelhança do Homem a Deus, verificamos que ela é absoluta, ato de amor divino que intencionado necessária e imediatamente realiza a comunicação, isto é, a própria criação do Homem como ser consciente.

A comunicação simbólica absoluta ou de nível quatro também é tratada em âmbito religioso: trata-se da comunicação em linguagem cuja metalinguagem coincide absolutamente com a própria linguagem, vale dizer,

que está além das restrições impostas pelos teoremas de Gödel. Consequentemente, trata-se de uma linguagem em si, incompreensível e inacessível ao Homem: é a linguagem da criação, a Palavra de Deus que cria o Mundo. As linguagens do Homem, em especial as teorias, dam-lhe condição de criar apenas diferencialmente, vale dizer, de modificar o mundo criado. Do ponto de vista do Homem, trata-se da comunicação de fato, impossível.

Os três outros tipos de comunicação são os possíveis para o Homem. O nível simbólico um ou concreto é o das interações do mundo espaço-temporal, mundo da comunicação imperativa, é isto que se quer dizer quando caracteriza-se a ciência como leitura, leitura do livro que é a própria natureza. Este enfoque, aliás, começa a ser popularizado na prática da ciência atual, com bons resultados aliás, pelo que permite mobilizar, em termo de técnicas de tratamento da informação e de comunicação, em benefício da decifração dos "dados", vale dizer, das mensagens da natureza. As leis naturais passam a ser consideradas como gramática da natureza.

Consideremos agora o nível simbólico dois ou o propriamente simbólico. A este nível aparece o que denominamos código, correspondência entre significante e referente ou significado extensivo. Neste nível apenas admitimos conjuntos finitos ou numeráveis de referentes, de modo que se possa assegurar uma correspondência biunívoca entre significantes, simples ou compostos, e os referentes. Nestas condições, também existe uma correspondência biunívoca entre os significados extensivos e intensivos, estes últimos tomados como o conjunto de símbolos equivalentes ao significante, formados de acordo com as regras da sintaxe da linguagem considerada.

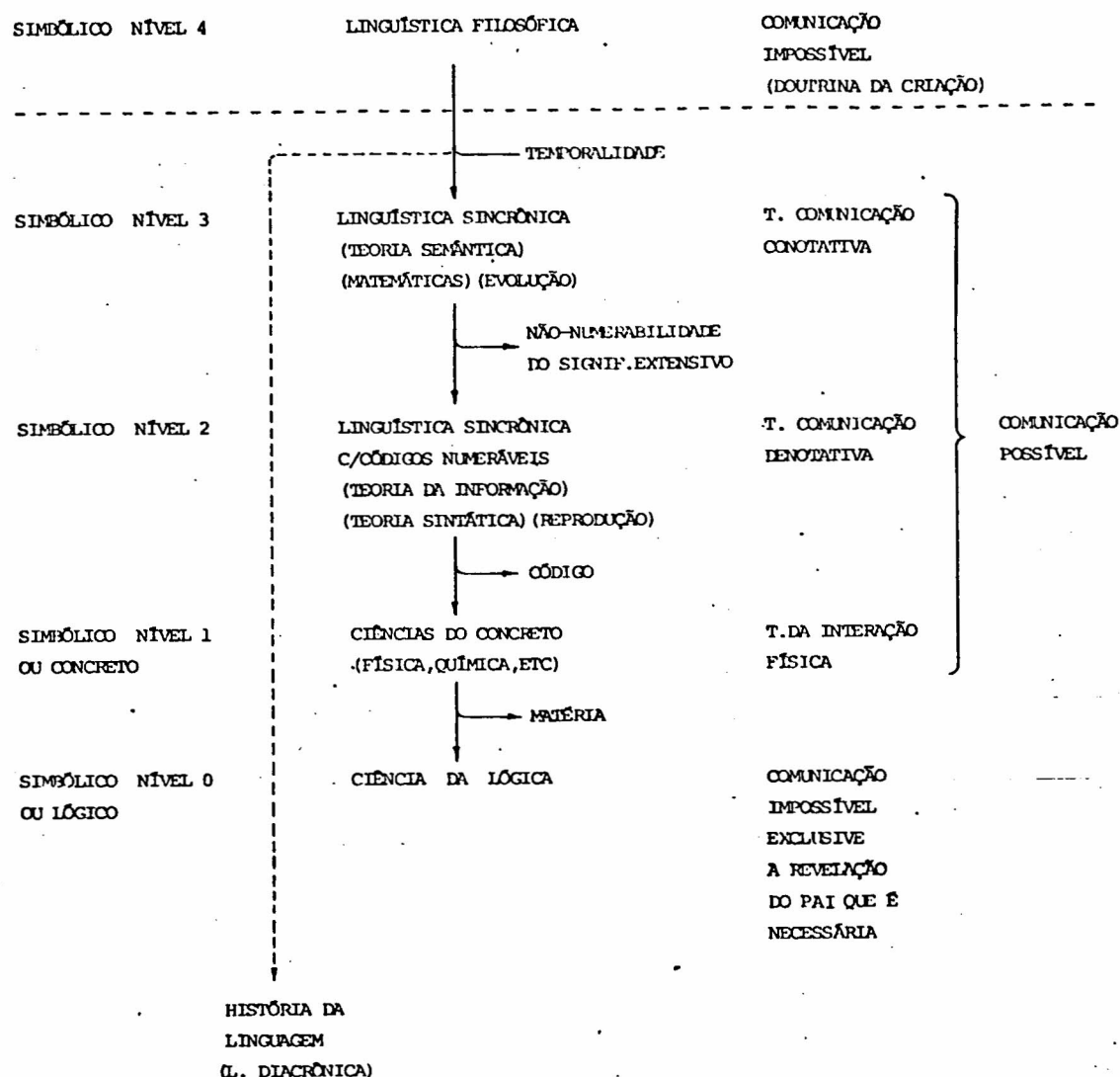
Sintaxe e semântica equivale-se, de modo que, a correção pode focalizar apenas a estrutura sintática das mensagens. A diferença entre o nível 1 e 2 é que neste último os símbolos ou mensagens pertencem necessariamente a um conjunto pré-determinado, finito ou infinitamente numerável (talvez possamos incluir ainda os conjuntos recursivos). No nível 1 o sinal não preenche tal condição, de modo que o receptor, isto é, sentido humano ou instrumento de medida, é considerado, em primeiro lugar como virtualmente contínuo, e, em segundo, pode ter seu "range" excedido pelo valor (intensidade) do sinal.

O nível 2 é aquele justamente que pode ser objeto da teoria da informação, em que podem ser cientificamente tratados os problemas de ruído, distorção e atenuação, problemas fundamentais da comunicação e que se busca resolver com os recursos técnicos da telecomunicação. O nível simbólico conotativo caracteriza-se pelo "excesso" de referentes em relação aos significantes o que acarreta a impossibilidade de estabelecimento de uma correspondência biunívoca entre significado extensivo e intensivo. Isto ocorre quando o mundo dos referentes é praticamente inumerável, e portanto, incomensurável com os significados intensivos (arranjo de signos permitidos pelo conjunto finito das regras de sintaxe) que é sempre numerável.

Em tal circunstância a correção só é possível mediante um mecanismo de regulagem entre uso (uso referencial) e código normativo (dicionário e regras gramaticais). Obviamente tal regulagem se dá no tempo e é impossível, a qualquer momento, afirma-se a perfeita correspondência entre significados extensivos e intensivos. Em contrapartida aparece a inesgotável capacidade de conotação linguística, que por si, determina a própria evolução da linguagem, obviamente, enquanto subsistir o mecanismo regulador. A linguística diacrônica tenta o impossível "corte" no tempo das linguagens naturais-que são todas dessa espécie-porém, apenas terá êxitos parciais, dada a conhecida impossibilidade de formalização total destas linguagens (dependentes de contexto). Neste nível, necessariamente, independentizam-se sintaxe e semântica.

Este é também o mundo das matemáticas, linguagem que buscam a compatibilização em último grau entre o extensivo (conjuntos) e o intensivo (determinado por um conjunto finito de axiomas). As matemáticas - consideradas apenas aquelas que incluem uma extensão maior ou igual à aritmética - necessariamente guiadas pela intuição, levam ao máximo tal compatibilidade, bloqueada, entrementes, em última instância, pelo que estabelecem os teoremas de Gödel.

O nível simbólico três, por suas possibilidades conotativas é o mundo que se abre a expressividade: aí vivem o conto, o romance e em especial a poesia.

O quadro abaixo busca resumir os principais conceitos aqui tratados, tomando por referência a linguagem absoluta ou da criação.

Esta está além da ciência, por coerência, apenas acessível a fé. Para uma abordagem científica temos que justamente extrair o correlato objetividade $\{EC\}^{0}$, isto é, a transcendentalidade do ser, do cerne da linguagem da criação. Daí podemos seguir dois caminhos: o primeiro é o da história já acontecida das linguagens naturais e do próprio edifício já elaborado das matemáticas: é o mundo da diacronia linguística; aqui podemos abordar a história das linguagens naturais, a etimologia histórica, etc. O segundo caminho é o da sincronia. A partir da linguagem absoluta, subtraindo-lhe a transcendentalidade ou equivalentemente, a temporalidade, chegamos ao mundo das linguagens cono-

tativas. Destas, subtraindo-lhes a não-numerabilidade dos referentes chegamos ao nível das linguagens de código biunívoco. Se subtrair-nos destas últimas o código, vale dizer, a correspondência lógico-convencional entre mundo dos significantes e dos referentes, chegamos ao nível do concreto. Por fim, se subrairmos deste a materialidade alcançamos o lógico.

Se este é um caminho de subtrações, o ser consciente, para ser criado, forçosamente necessitaria de um dom, justamente aquilo, que primeiramente subtraímos, a transcendentalidade. Eis todo o significado da essência da Revelação primordial, a do Pai a Seu modo, em outras palavras, a afirmada semelhança do Homem a Deus, a única comunicação verdadeiramente necessária e impertubável.